



HEMEROTECA  
MUNICIPAL  
DE LISBOA

**RENOVAÇÃO: REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES<sup>1</sup>** - Foi um periódico editado pela Secção Editorial de “A Batalha” (jornal diário operário). O editor foi Alexandre Assis e a direcção pertenceu a Gonçalves Vidal. Publicou-se do n.º 1 (2 de Julho de 1925) ao n.º 24 (15 de Junho de 1926), nos dias 1 e 15 de cada mês. Contou com colaboradores que já estavam próximos de *A Batalha*, como Adelaide Cabete (1867-1935), Adriano Botelho, Adolfo Lima (1874-1943), Alberto Dias, Alexandre Vieira, Alfredo Marques, Armando [Figueiredo de] Lucena (1886-1975), Arnaldo Brasão (1890-1968), Artur Portela (1901-1959), [António] Assis Esperança (1892-1975), Augusto [dos Santos] Pinto (1888-1979), Bento Faria, Bernardo Marques (1898-1962), [João Evangelista de] Campos Lima [1877?-1956], Carneiro de Moura, [Jaime] Carvalhão Duarte (1897-1972), César Porto, Clemente Vieira dos Santos (1889-1960), [José Maria Marques] Costa Júnior (1906-1988), Cristiano Lima, David de Carvalho, Eduardo Frias (1895-1975), Emílio [Martins] Costa (1877-1952), Eugénio Navarro, Ferreira de Castro (1898-1974), Francine Benoit (1894-1890), Guilherme Filipe, Jaime Brasil (1896-1966), Joaquim Cardoso, José Benedy (1866-1951), José Carlos de Sousa, José Carlos Rates (1879-1945), José Régio (1901-1969), Julião Quintinha (1886-1968), Ladislau Batalha (1856-1939), Manuel da Silva Campos, Manuel Joaquim de Sousa, Manuel Ribeiro, Maria de Sotto Mayor e Abreu (1904-?), Mário Castelhana (1896-1940), Mário Domingues, Neno Vasco (1878-1923), Nogueira de Brito, Perfeito de Carvalho, [António] Pinto Quartim (1887-1970), Raul Neves Dias, Roberto Nobre (1903-1969), [Francisco José da] Rocha Martins (1879-1952), Rocha Vieira, Santos Arranha, Stuart Carvalhais (1887-1961), Tomás da Fonseca (1877-1968) e Vitorino Nemésio (1901-1978). As ilustrações são de Stuart Carvalhais e Roberto Nobre. A administração e a redacção localizavam-se em Lisboa (Calçada do Combro, 38-A – 2.º). Era impressa na Imprensa Beleza (Rua da Rosa, 99-107). Havia anúncios no interior e na “última página da capa”, ilustrados e a cores, a preços “convencionados com a Administração”.

## CONTEXTO HISTÓRICO

O movimento operário e as doutrinas anarquistas e libertárias foram realidades próximas no final do século XIX e início do seguinte, em Portugal, quanto à interpretação das relações sociais e institucionais e respetivas práticas. Entre esses anos finisseculares e o início do Estado Novo, esse movimento teve um ciclo de desenvolvimento, estabilização e declínio. Nesse período, são relevantes os momentos de tentativa de restauração monárquica (1919), em que se dá o apogeu do movimento sindical e a fundação do jornal *A Batalha*, que viria a ser o mais importante jornal operário da I República, bem como a divisão política e ideológica (1921-1922), entre bolchevistas e anarquistas.

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/renovacao/renovacao.htm>

Neste contexto, surgiram diversas publicações difusoras do pensamento anarquista ou de índole literária e cultural, dos quais *A Batalha* foi consequência: *A Greve* (1908), *O Sindicalista* (1910-1916) e *O Trabalhador Rural* (1912-1914 e 1918). Estes foram os principais órgãos informativos das classes operárias e dos sindicatos e associações de classe. Estes e outros foram fundados, de uma forma pontual ou espontânea, por um escol de militantes da causa anárquica, que se torna numa verdadeira elite – escritores, jornalistas, políticos e dirigentes sindicais, associados à causa militante anarquista e libertária. É desta dinâmica que surge a criação de um diário a seguir ao fim da I Grande Guerra, como meio de combate à exploração operária e para a mobilização de trabalhadores para a luta.

Houve figuras proeminentes, como o escritor Ferreira de Castro. Depois de emigrar para o Brasil com apenas doze anos, voltaria em 1919, no ano em que nasceu a central dos sindicatos portugueses, a Confederação Geral do Trabalho (CGT), trazendo à luz o seu órgão de imprensa, *A Batalha*, veículo de ideias anarco-sindicalistas, porta-voz da organização operária. Aqui Ferreira de Castro abre asas ao seu pensamento libertário.

A CGT foi uma confederação de sindicatos portugueses criada seguindo os princípios do anarco-sindicalismo, em substituição da União Operária Nacional. Terá chegado a organizar cerca de 90 mil trabalhadores de todos os setores de atividade profissional e económica, sendo a central única dos assalariados portugueses e dispondo de um jornal diário. Mas, a partir de 1922, começou a ser afetada pela ação dos militantes comunistas (bolchevistas), que defendiam outra orientação.

É já neste estado de situação que, no seu quarto ano de existência, a 23 de Dezembro de 1923, *A Batalha* trouxe a público um suplemento semanal, inicialmente intitulado *A Batalha – Suplemento Literário e Ilustrado* e posteriormente, e a partir do número catorze, *A Batalha – Suplemento Semanal Ilustrado*. Tratou-se de um suplemento de oito páginas, contendo artigos de divulgação cultural e de intuito educativo, inovador, para difundir o gosto pela arte entre o povo e anunciar todas as correntes da cultura contemporânea.

Dois anos depois, a CGT alargaria o meio de difusão do seu ideário libertário, através da publicação de uma revista quinzenal de arte, literatura e atualidades, de “novos horizontes sociais”, a *Renovação*, cuja existência fez emergir uma certa falta de unanimidade no seio, quer da cúpula da Confederação, quer da própria redação de *A Batalha*.

A publicação desta revista foi suspensa depois do golpe militar de 28 de Maio de 1926.

## **PROGRAMA**

A *Renovação* apresenta-se programaticamente na página inicial do primeiro número, nos seguintes termos:

“RENOVAÇÃO! Eis uma palavra-programa; símbolo; lábaro. Diz tudo; significa tudo. Erguida ao alto como uma bandeira – arrebatada; deposta no fundo duma retorta ou entre as páginas dum livro – convence. Nenhuma outra traduz melhor o anseio de perfeição, a embriaguês de beleza, a mística do Ideal. Encanta e intimida; domina e serve. Comove. As seivas estuando ao longo dos ramos contorcidos das árvores, quando o inverno morre, murmuram – renovação. A alegria nupcial, chispando nos olhos dos amantes, na ância de se darem, canta - renovação. E até no seio das rochas, de eterna e algida serenidade, só o sentimento da renovação vibra e desagrega e agrupa e combina. Renovar é renascer. É sublimar em pureza, pular em promessas. Renovar é criar e recrear. É a obra máxima dos homens, que fazem mais do que os deuses, porque os geram e renovam. É a virtude, a única virtude.

Uma revista que se chama Renovação escusa de que se lhe exponham os objectivos. Visa necessariamente à finalidade que tem por moto. Renovar não tem duplo sentido, é só fazer – de novo. Com os mesmos materiais – reconstruir.

No existente sufoca-se. Sufocam todos, oprimidos ante os fantasmas dos que foram impotentes face à tirania do passado. Nas ideias reina um torvo formalismo, nutrido de intransigência; nas artes, o árido culto dum passado doente. Só o definido é aceite em ciência, como só se admite na moral o preconceito; nos costumes, o consagrado.

Entretanto, a humanidade verte o sangue de todas as paixões, contorce-se na agonia de todas as incertezas, murmura, clama, ruge – por alguma coisa de novo – que a sacie e console. É preciso restaurar tudo em beleza. Desvendar novos horizontes ao pensamento. Trazer a arte à comunhão de todos. Não fazer das ideias privilégio duns tantos.

A isso vimos. Não preencher aquela lacuna, sempre vaga, para os que surjem neste campo; mas criar uma necessidade nova aos espíritos; Estimulá-las para a perfeição e para a beleza. Apostalar. No bom combate só é leal quem usa as mesmas armas do inimigo. O passado é ainda o detentor do património da beleza imortal e da grandeza do pensamento humano. Vamos dar batalha ao passado. Arrancar-lhe a presa, para a erguer em triunfo por cima dos corações. Pelas ideias avançadas, doutrinando, pela arte da vanguarda, orientando, pelo progresso da ciência, divulgando, – combateremos contra o existente, no que êle tem de inadaptable, e contra o passado no que êle tem de mau, em prol duma humanidade melhor, digna, sábia, culta, bela. *Renovação* será – esperamo-lo – a ponte de passagem do hoje, desvairado e torpe, para o amanhã, consciente e nobre. Se renovar é revolucionar, com método, façamos a revolução, com calma. Ponhamos harmonia na desordem. Órgão de cultura do proletariado, que pretendemos ser, os estudos filosoficos e sociais, os problemas scientificos, as questões de arte, aqui terão a sua crónica, quanto possível, graficamente documentada. Os intelectuais que a sociedade actual teme e persegue, detesta e seduz, terão aqui um refugio, todos – um refrigerio. *Renovação* será um clarim vibrando revolta, mas será

lambem uma cátedra distribuindo ensinamentos. Será, sobretudo, uma janela aberta para o futuro. Deixemos entrar o ar fresco da madrugada, que já dealba, e que virá varrer as trevas de opressão, os miasmas das podridões que foram!”

A sua matriz programática, como se lê, incide na propaganda do movimento anarco-sindical, através de uma organização de grupo e uma escrita aberta por parte de militantes e simpatizantes da causa libertária, mas também com uma preocupação de difusão cultural, pois a cultura era vista como um meio de independência social.

## **CONTEÚDOS**

O aspeto gráfico das capas prometia uma publicação moderna e apelativa. Nos seus interiores, apresenta artigos de divulgação, desde a política às artes, passando pela novela e a poesia, e até uma página infantil (“Chico, Zecas & Ca.”), sem descurar as questões do movimento anarquista sindical. Os textos são curtos, mas incisivos e doutrinários, com fotografias a ilustrá-los.

No primeiro número e pela pena de Eduardo Frias, insurge-se contra a alta percentagem (80%) de analfabetismo em Portugal.

“Todos aqueles que sonham com uma vida mais ampla, com horizontes mais largos, com essa transformação profunda, absolutamente necessária, duma sociedade em decadência, não podem deixar de encarar este gravíssimo, este inicial problema (...). Se a nossa geração, a nossa época, quer afirmar-se nalguma coisa de construtivo que a moralize, não podemos mais tempo continuar indiferentes ante o espectáculo tenebroso da sombra projectada pela ignorância de oitenta por cento de analfabetos!”

O papel reivindicativo desta publicação continua nas páginas deste primeiro número, com um curioso artigo de Ferreira de Castro, intitulado “Ante os pórticos do estio. Lutemos pelas férias dos que trabalham!” Trata-se de uma viagem pelos recursos turísticos do País, tendo em vista sustentar a ideia de que todo o trabalhador necessitaria “dum descanso anual, dumas férias esti[v]aes, não apenas por ele, mas pela colectividade a quem ele dá seu esforço – e dará durante muito mais tempo do que actualmente, se o seu organismo se retemperar periodicamente.” E segue, referindo que se deve ao trabalhador um “repouso anual – sem diminuição de salários, para que seu espírito esteja tranquilo, para que esse descanso não seja utópico.”

O seu papel divulgador passa pelos avanços das diversas técnicas, como a arte fotográfica – “Entre as últimas maravilhas científicas, merece especial destaque a transmissão, a distância, de fotografias e gravuras, com espontânea rapidez, sem outra ligação entre o aparelho irradiador e o da recepção que essas invisíveis ondas hertzianas, força nova que o homem amolda nos seus fins”. Uma outra referência passa pela Teoria da Relatividade, que viria a ter um protagonismo crescente em tempos de guerra que se seguiram: “A teoria de Einstein sobre a relatividade abalou o mundo,

constituindo-se a mais importante de quantas questões se teem agitado nos últimos tempos.” Iguamente se estava atento à evolução da Medicina, designadamente sobre a cura de uma das doenças mais perigosas da época, a Tuberculose. Através de uma entrevista ao médico Alberto Sousa, sabe-se: “Para se avaliar (...) o interesse que alguns países estrangeiros dedicam ao problema anti-tuberculoso basta saber-se que a Suecia, igual em numero de habitantes a Portugal, e a Belgica e Suissa bem mais pequenos do que o nosso, possuem: Suecia: Dispensarios, 170; Sanatorios e hospitais-sanatorios, 70. Belgica: Dispensarios, 107; Sanatorios, 12; Preventorios, 4. Suissa: Dispensarios, 106; Sanatorios para pobres, 23; numerosos pavilhões de isolamento nos hospitais, e numerosos preventórios”.

E também dá conta dos tempos modernos, em que a Mulher toma um papel mais emancipado na sociedade, segundo palavras de um autor (Alberto de Magalhães):

“Uma das mais belas conquistas da mulher foram os desportos físicos: o automobilismo, a equitação, o ciclismo, a natação, o remo, a ginástica em geral. Neste campo vasto, tem já marcado o seu lugar. E o que assim ganhou em beleza, dizem-nos êsses corpos magnificos das Venus-Modernas, esplêndidas de fôrça, de escultural beleza, de graça sádia.”

A renovação da sociedade portuguesa era o objetivo da equipa responsável por esta publicação efémera, surgida no final da I República, quando esta já padecia de inúmeros problemas e quando os temas republicanos de eleição nem sempre tinham sido alcançados com êxito, designadamente uma reforma mais vasta do Ensino, que a publicação enfatiza:

“Acabe-se pois com os compêndios torturadores dos cérebros tenros. Duma vez para sempre compenetrem-se os pedagogos de que despertando na criança o interêsse por êste ou aquele facto ou fenómeno, ela procurará conhece-lo em todas as minúcias, indo, quando o seu espírito não se satisfizer com aquilo que seus olhos veem e seus dedos palpam, procurar nos livros o porquê final, a ultima conclusão do saber humano sôbre isso que o interessa. Nada se perderá – antes se ganhará tempo, e a escola deixará de ser, de uma vez para sempre, o edifício sombrio e odiado para se transformar o recreio mais desejado.”

Por Jorge Mangorrinha  
Lisboa, Hemeroteca Municipal, 1 de Março de 2016